

REDES DE SOCIABILIDADES NEOPENTECOSTAIS: INTERFACES COM A POLÍTICA E A CIDADANIA

Rodrigo Carlos da Rocha¹
(Programa de Educação Tutorial em Ciências Sociais – UERN)

Resumo: O campo religioso brasileiro sofreu fortes mudanças nas últimas décadas: deixou de ser dominado quase que exclusivamente pelo Catolicismo e passou a comportar maior diversidade. Deste cenário de diversidade religiosa, destaca-se o pentecostalismo – vertente evangélica, que congrega milhões de brasileiros. Este artigo, fruto de pesquisa em andamento, discute algumas das interfaces existentes entre o pentecostalismo (ou o neopentecostalismo, de modo mais específico), de um lado, e, de outro, a política e a cidadania.

Palavras-chave: Pentecostalismo; redes de sociabilidades; Cidadania; Favela.

INTRODUÇÃO

Difícilmente encontrar-se-á quem objete a afirmação de que o processo de mudança por que passa o Brasil, nos últimos 20 ou 30 anos, é bastante intenso. Os últimos tempos abrigaram não só a bancarrota do regime autoritário e da crônica e violenta inflação, como também a apoteose do Partido dos Trabalhadores (PT), representada pela vitória de Luiz Inácio Lula da Silva.

Esses exemplos improvisados talvez sejam os mais visíveis e difundidos pelos meios de comunicação e pelos diálogos cotidianos informados pelo senso comum. Mas essas não são as únicas mudanças significativas que ajudaram a *chacoalhar* o Brasil neste período. O País tem sido palco de outra importante inflexão, com conseqüências relacionais, culturais, econômicas e políticas. Refiro-me ao conjunto de mudanças no espectro religioso brasileiro, e, mais especificamente, ao *boom* das igrejas evangélicas pentecostais.

Este breve artigo vem à luz com a intenção de discutir algumas facetas do crescimento evangélico pentecostal, relacionando-o ao campo da política e da cidadania. A macro-questão que norteará este trabalho é a seguinte: quais os impactos do pentecostalismo sobre a política e a cidadania? Neste artigo eu desdubro essa questão em subquestões, e conjeturo algumas respostas com base na literatura socioantropológica sobre o tema e no trabalho de campo que venho realizando nos últimos meses².

¹ Estudante do sétimo período do bacharelado em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e bolsista do PET Ciências Sociais/UERN. Contato: rocha.rodrigoc@gmail.com

Na primeira seção, delinheiro as mudanças do campo religioso brasileiro, enfocando o papel central que as igrejas pentecostais assumem nesse processo. Na segunda, trato das igrejas pentecostais a partir da literatura sobre o tema, enfocando as redes de sociabilidades de que os fiéis participam e algumas questões correlatas. Na terceira seção, *adentro no campo* e exponho as primeiras conjecturas da pesquisa em andamento que venho realizando em uma congregação pentecostal, numa favela da cidade de Mossoró, interior do Rio Grande do Norte. Finalizo o artigo, mostrando algumas interfaces entre o pentecostalismo (suas atividades, as redes de sociabilidades de suas fiéis e sua cosmologia), por um lado, e, por outro, a política e a cidadania – ambas as noções entendidas em sentido amplo.

1. PANORAMA DA MUDANÇA RELIGIOSA BRASILEIRA E O AVANÇO DO PENTECOSTALISMO

Nosso País já não é o mesmo. Nos últimos tempos o quadro de suas religiosidades sofreu profundas modificações, com conseqüências de várias ordens. Se minha querida avó nascera num país extremamente católico, o mesmo não pode ser dito a respeito do ambiente em que nasceram alguns de seus netos. O Brasil, que desde os momentos coloniais e imperiais havia sido terreno fértil e quase exclusivo ao Catolicismo, passa, mais ou menos a partir de meados do século XX, a abrigar o crescimento e a visibilidade de outras tendências religiosas, principalmente das igrejas evangélicas – fato que se intensificou ainda mais a partir da década de 1980 (JACOB et al, 2003; MAFRA, 2009).

De acordo com os últimos censos demográficos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no decurso de seis décadas, o Catolicismo logrou decréscimo relativo de mais de vinte pontos percentuais: passou de 95,2% da população brasileira, em 1940, para 73,9% em 2000 (CAMPOS, 2008, p. 6). Na contramão desta tendência, o time evangélico apresentou crescimento acentuado, passando de 2,4% da população brasileira, em 1940, para 15,6% no ano 2000 (op. cit.) Mostrando continuidade e até aprofundamento dessa tendência, pesquisa do Instituto Datafolha, relativa a 2007, mostra os católicos com 64% da população brasileira, e os evangélicos com 22%. (DATAFOLHA, 2007)

Com esses números, o Brasil já é o segundo maior Estado protestante do mundo, só perdendo para os Estados Unidos (FIGUEIRA, 2007). Este fato, cada vez mais perceptível, tem dado margem à proliferação da tese – nos meios de comunicação de massa e no imaginário brasileiro – de que o Brasil está na iminência de tornar-se um “país de crentes”, se já não o é.

² Este trabalho é o primeiro fruto da pesquisa de campo que venho realizando desde o último mês de abril, para a redação de meu trabalho de conclusão de curso.

Quando se fala nos evangélicos³, é preciso assinalar a importância numérica de uma de suas macro-vertentes: o pentecostalismo, que abriga aproximadamente três terços dos evangélicos (MARIANO, 1999; JACOB et al, 2003; FIGUEIRA, 2007; MAFRA, 2009). Uma das últimas pesquisas sobre o assunto mostrou que a ala pentecostal dos evangélicos/protestantes já representa 77,86% dos evangélicos brasileiros (MAFRA, 2009, p. 32).

Como coloca Cesar Jacob e equipe, “O crescimento dos evangélicos pentecostais se constitui no principal fator da diversificação religiosa que vem ocorrendo no Brasil, a partir dos anos 1980”. (2003, p. 39) Defendo que este processo de mudança tem sido um dos principais fatores de impacto sobre as configurações da sociedade brasileira. Isto se deve não só à densidade numérica dos fiéis pentecostais, mas também ao raio de *incidência socioespacial* destas denominações, uma vez que as sementes do pentecostalismo encontram maior acolhida nos setores menos privilegiados da população brasileira. A vertente pentecostal tem renda e instrução escolar menores que a média da população brasileira (JACOB et al., 2003). Este perfil socioeconômico naturalmente repercute na ocupação espacial dos pentecostais, que tendem a residir nas periferias e nas favelas das cidades de maior população. O pentecostalismo também impacta a sociedade inclusiva por meio das *consequências da adesão às religiões pentecostais*. Para os fins deste trabalho, ressalto as consequências para (1) as redes de sociabilidades dos fiéis e para (2) a alteração no sentimento de pertencimento (incluindo aí a sensação subjetiva de identidade e os processos de identificação evocados nas relações sociais).

2. ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS DA ADESÃO AO PENTECOSTALISMO

A adesão religiosa pentecostal tem sido abordada nas últimas décadas pela literatura socioantropológica a partir de vários ângulos. O estudo de Maria das Dores Machado (1996), embora enfatize sobretudo as consequências da adesão pentecostal nos campos da sexualidade, da reprodução e dos papéis de gênero intrafamiliares, fornece preciosas informações a respeito das inflexões do pentecostalismo sobre as redes de sociabilidades dos fiéis. Este é um dos campos mais interessantes para a pesquisa socioantropológica, do meu ponto de vista. Isso porque, como muitos estudos sugerem,

³ O termo evangélico, na América Latina e no Brasil, se refere basicamente a dois tipos de denominações: 1) os *evangélicos ou protestantes históricos*, que são “aqueles grupos originários das missões norte-americanas e inglesas e os luteranos herdeiros, direta ou indiretamente, da Reforma protestante do século XVI” (CAMPOS, 2007, p.6) (Por exemplo, Luterana, Igreja Presbiteriana e Igreja Batista); 2) os *evangélicos pentecostais*, que surgiram no começo do século XX nos EUA, e que diferem dos protestantes clássicos, do qual são herdeiros, por pregarem a crença na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, entre os quais se destacam os dons de línguas (glossolalia), cura e discernimento de espíritos, e por defenderem a retomada de crenças e práticas do cristianismo primitivo, como a cura de enfermos, a expulsão de demônios, a concessão divina de bênçãos e a realização de milagres (MARIANO, 2004). Na categoria pentecostal incluímos as igrejas que, segundo alguns autores, são neopentecostais, isto é, grupos pentecostais surgidos no final da década de 1970, caracterizados pelo intenso uso dos meios de comunicação, pela ênfase no combate espiritual ao Diabo e pela crença de que os cristãos devem ser vitoriosos e prósperos na Terra (Por exemplo: Universal do Reino de Deus, Comunidade Evangélica Sara Nossa terra, Internacional da Graça de Deus).

redes de sociabilidades (ou de relações ou ainda de solidariedades⁴) normalmente desempenham importante papel nas estratégias de sobrevivência e de articulação das classes subalternas. (TAUBE; 1986; ZALUAR, 1994; MAGNANI, 1996) Maria das Dores Machado (op. cit.) mostra que o ato de “aceitar Jesus” altera fortemente os mapas de sociabilidade do fiel. O ingresso do indivíduo no pentecostalismo faz com que ele passe a se relacionar com pertencentes a outro círculo de sociabilidades, a família de Deus.

É preciso apontar que essa ruptura relativa se relaciona diretamente com outra mudança: a mudança no sentimento de pertencimento, na sensação subjetiva da identidade e nos processos de identificação que informam as relações sociais (BRANDÃO, 1988). As *narrativas religiosas* do pentecostalismo conferem ao fiel fixação num universo dual, que se divide entre as forças de Deus e as forças das Trevas (MARIZ, 1999 apud MAFRA). Com base nesses sentimentos, os neófitos “vão aprendendo a colocar-se do lado certo”. O “nós” do recém-convertido mudará; seus “outros” também. E com isso, os mapas das sociabilidades permitidas se metamorfoseiam. As consequências desse reposicionamento se materializam em novos laços de amizades, em novos lazeres, em novas companhias...

Ao ingressar no pentecostalismo, o indivíduo é encorajado (direta e indiretamente) a deixar seus hábitos, seus círculos de amizades “do mundo” e muitos dos lazeres antigos, normalmente associados à perdição terrena, para ingressar num grupo “espiritualmente saudável”. Não é que o fiel quebre todos os vínculos com seu antigo círculo de amigos. Esse rompimento absoluto só existe no mundo das idéias. Com efeito, o que ocorre é a atribuição de um novo significado às redes de sociabilidades pregressas: seus integrantes deixam de fazer parte do “nós” (sob o prisma da subjetividade do fiel), passando para o lado do “outro”. Contudo, é preciso sublinhar, no pentecostalismo o “outro” é sempre um potencial “nós”, uma vez que quem está “no mundo” pode vir a “entregar suas vidas a Jesus”. Neste sentido, o fiel, embora integrante de outro círculo de sociabilidades, eventualmente se relaciona com seus antigos amigos e colegas, mas quase sempre com finalidades proselitistas.

De um ponto de vista pentecostal, a comunidade da fé é o terreno mais fértil à verdadeira amizade e ao verdadeiro companheirismo. São sintomáticas as recomendações normalmente feitas ao fiel, para que este se case com ou namore alguém da própria igreja. (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990 apud MACHADO, 1996)

Os *circuitos* de lazeres dos conversos normalmente são outros. Os recém-“crentes” não mais freqüentam os equipamentos e as situações sociais que sinalizam a decadência de sua vida pré-conversão, salvo normalmente nos casos de atuação proselitista, como já assinali. Eles passam a percorrer os *circuitos de Deus*, constituídos de igrejas da mesma denominação ou de denominações evangélicas compatíveis com a doutrina pentecostal, de seus eventos, de suas solenidades, de seus lazeres, ou, para ser mais preciso, de “locais de recepção e audiência da voz do Espírito Santo” (MAFRA, 2009, p. 45).

⁴ Embora normalmente intercambiáveis, essas redes são conceitualmente diferentes.

O ingresso de fiéis das periferias nessas redes de sociabilidades (as quais normalmente englobam pessoas de outras congregações ou igrejas da mesma denominação) pode fornecer as bases, ou o *campo de possibilidades*, para que os indivíduos inflexionem suas *trajetórias*. Na medida em que passam a navegar em redes sociais (lúdicas e sacras) baseadas na fé e nas atividades desempenhadas no âmbito da instituição religiosa, os fiéis passam a relacionar-se de modo não-utilitário com outros fiéis de estratos sociais distintos. Deste relacionamento podem resultar mudanças na natureza dos *projetos*⁵ que os fiéis dos estratos concebem como legítimos e possíveis. Por motivos de espaço, não poderei aprofundar este assunto no âmbito deste artigo.

Embora relacionada ao que escrevi no parágrafo acima, minha pergunta neste texto é outra:

Quais são as consequências dessas redes, deste contato interclasses (mediado por identificações baseadas no pentecostalismo), e da cosmologia pentecostal sobre a atuação política do fiel, a consciência dos direitos de cidadania e o usufruto dos bens e serviços que a condição de cidadão lhe garante?

Abordarei estas questões a partir de meu estudo de caso, usando a bibliografia especializada como apoio. Para tanto, preciso descrever a natureza das atividades que a igreja Ministério do Louvor Celeste (doravante MLC) desenvolve na Favela da Via e as redes de sociabilidades dos fiéis desta localidade⁶.

3. DESCREVENDO O CAMPO: ATIVIDADES DO MLC E REDES DE SOCIABILIDADES DOS FIÉIS DA FAVELA DA VIA

Falar da congregação que o MLC mantém na Favela da Via exige um exercício prévio: o de delinear os principais traços do espaço social onde foi erguida a congregação de que participam os indivíduos de meu campo de estudo.

A Favela da Via se localiza na zona oeste de Mossoró⁷. Sua origem, de acordo com os depoimentos orais recolhidos, data de fins da década de 1980, quando alguns migrantes “sem-terras” ergueram ali seus primeiros barracos⁸. Mesmo com quase 20 anos de idade, a Favela da Via ainda enfrenta sérios problemas urbanos: (i) não abriga linhas de transporte coletivo, (ii) não tem qualquer instituição da administração pública, (iii) a maioria de suas ziguezagueantes ruas é carroçável, (iv) não tem saneamento básico, (v) a maioria de suas casas são de taipa. Mais importante que descrever a parte material talvez seja delinear as representações que são feitas sobre o local. Como muitas

⁵ Sobre os conceitos de *campos de possibilidades*, *trajetória* e *projeto*, ver VELHO (1994, 2004).

⁶ Para manter a privacidade do objeto, optei por usar nomes fictícios.

⁷ Mossoró é uma cidade do interior do Rio Grande do Norte, cuja população é de aproximadamente 250.000 habitantes, o que lhe dá o título de segunda cidade mais populosa deste estado.

⁸ Os dados que obtive a respeito da constituição da favela ainda são muito fragmentários e discordantes. No prosseguimento do trabalho de campo, pretendo conseguir informações mais precisas. Quanto aos migrantes “sem-terras”, não se sabe se eram integrantes de algum movimento social organizado.

favelas, a Favela da Via é vista como espaço da violência, do narcotráfico e da degradação humana.

O MLC é uma igreja pentecostal surgida em 2003. Três anos depois, inauguraria uma congregação na Favela da Via. De acordo com a representação que outros evangélicos fazem dela e com o depoimento que colhi de um de seus líderes, trata-se de uma igreja neopentecostal, isto é, uma igreja que segue o pentecostalismo mais tradicional em sua ênfase na atuação do Espírito Santo, mas que é “avivada” (conforme discurso nativo), menos sectária e menos ascética. Seus cultos são caracterizados pela espontaneidade, pelo improviso, pela forte expressão corporal dos fiéis (que dançam, pulam, se contorcem...), pelos louvores baseados nos *hits* da música gospel e na ênfase nas graças materiais que podem ser alcançadas pela fé⁹.

A MLC desenvolve uma série de atividades na Favela da Via: 1) cultos noturnos (um ou dois cultos semanais, normalmente nas quartas-feiras e nos sábados); 2) distribuição de alimentos após os cultos, para os presentes; 3) encontro de célula (grupo de evangelização, que se reúne normalmente em espaços domésticos, para realizar “mini-cultos”, atividade lúdicas e “terapêuticas” de teor religioso, com a finalidade de “ganhar almas para Jesus”); 4) Almoços em ocasiões especiais, como em alguns feriados.

As narrativas do campo também deram conta de atividades realizadas junto a outras instituições como o SESI e um colégio público do bairro vizinho. Estas atividades consistiam na prestação de serviços como cortes de cabelo, palestras sobre saúde e cuidados de higiene, e expedição de documentos de identidade.

Apesar destas atividades, alguns fiéis da Favela da Via – notadamente, os mais “solidificados” na fé – também vão aos cultos realizados na sede, que, como disse, se situa no bairro vizinho. Uma van contratada pela igreja faz gratuitamente o locomoção dos fiéis.

As atividades ministeriais¹⁰ desenvolvidas no âmbito do templo central do MLC, bem como os encontros de outras células¹¹, realizadas em quatro bairros da zona oeste de Mossoró, também mobilizam fiéis da Favela da Via.

Além disso, ainda há atividades puramente lúdicas. A ida a alguma lanchonete – um dos passatempos favoritos dos evangélicos – e a participação em “peladas” de futebol soçaito também fazem parte do rol de sociabilidades postos à disposição de alguns fiéis da Favela.

⁹ Estas características variam de um espaço para outro na denominação. Por exemplo, a ênfase nas graças materiais é mais forte no templo central que na congregação da Favela da Via.

¹⁰ São atividade ligadas aos vários ministérios da igreja. Indagado sobre o número de ministérios da MLC, um dos meus informantes não soube responder-me; só disse-me que era mais de 20 (Ministério dos obreiros, que congrega fiéis que prestam serviços para o bom funcionamento dos cultos; Ministério da Ação Social, que coordena as atividades filantrópicas da igreja; Ministério do Louvor, que comanda a parte musical nos cultos e festas, por exemplo)

¹¹ Em maio de 2009, existiam 16 células no MLC.

4. À GUISA DE CONCLUSÃO

Tentei evidenciar nas seções anteriores as mudanças no campo religioso brasileiro, por um lado, e, por outro, algumas mudanças que estão associadas à adesão religiosa pentecostal.

Nesta seção, pretendo relacionar as evidências de meu campo de pesquisa, que dizem respeito às redes de sociabilidades e ao pertencimento a esta denominação pentecostal, a dois temas interrelacionados: a política e a cidadania.

Como a pesquisa ainda está na fase inicial, limito-me a enunciar algumas constatações prévias, que ainda merecem maiores problematizações e verificações empíricas.

De início é preciso apontar as mudanças de visão de mundo que estão associadas à participação nestas redes. O recém-converso não só passará a ser socializado em um espaço de narrativas e de experiências que põem em tela a dualidade de um mundo dividido entre as forças de Deus e os ardis do Satanás; ele passará a conviver com indivíduos de estratos sociais diferentes, indivíduos estes que passam a embrenhar-se nas sociabilidades criadas por intermédio da atuação da igreja. Este “choque” de indivíduos heterogêneos porém unidos pela mesma fé pode provocar o intercâmbio de *projetos* de vida inéditos para o fiel da favela, acostumado a guiar sua existência sob a interiorização de uma série de limitações baseadas em sua condição de favelado.

Os fiéis que passam a se socializar nessa rede mais ampla podem mais facilmente vislumbrar *projetos*, os quais antes eram vistos como irrealizáveis. É lógico que isso não é fruto só da natureza da sociabilidade do MLC. As próprias narrativas do pentecostalismo desta instituição fornecem novas referências para o fiel, que não raro passará a conceber-se como capaz de levar uma existência menos sofrida, dado que “é filho de Deus”. Neste ponto reconheço a primeira ligação com a questão da cidadania. O fiel que não se via enquanto sujeito de direitos, antes da conversão, passará a ver-se como *sujeito de direitos emanados da filiação divina*. Ele torna-se cidadão; não de um mundo terreno, ou de uma nação, mas de um mundo transcendental. Com a conversão e a socialização no ambiente assentado numa cosmologia pentecostal ele se torna *cidadão do além-mundo*. Isto lhe garante margem para alçar sonhos e novos projetos, os quais são alimentados tanto pela sua condição de cidadão do além-mundo quanto pela vivência interclasses possibilitada pelo caráter da sociabilidade pentecostal do MLC.

Outro ponto a assinalar é a atuação do MLC na Favela da Via como *ponte*. O MLC é a instituição por meio da qual os fiéis favelados têm acesso às instituições públicas. Se antes do surgimento da igreja, muita gente naquele espaço nunca tinha sequer visto um médico em sua vida, conforme diz o discurso de um dos líderes, com a participação no dia-a-dia da congregação, alguns serviços e bens – da alçada dos direitos de cidadania – puderam fazer-se presentes naquele espaço. Esse intermédio da igreja tem suas consequências.

Por um lado, os fiéis passaram a gozar de bens da alçada da cidadania social. E isso foi ensejado/facilitado pela igreja. Por este ponto de vista, poderíamos dizer que a

igreja estaria promovendo a cidadania social. Os alimentos distribuídos pela igreja ao término dos cultos, cuja fonte principal é o Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do RN (EMATER) e os serviços em parceria com instituições públicas que já foram realizados exemplificam este ponto. Por outro lado, a fruição de serviços da alçada da cidadania social não é apropriada enquanto tal pelos fiéis nem pelos líderes que executam as atividades na MLC da Favela. Quando o líder distribui as sacolas de alimentos após o culto para o fiel, ele o faz sem o sentido de prestação de um serviço público ligado à dimensão cidadã. Por sua vez, o fiel que recebe o alimento não se apropria dele como algo que seja da alçada de seus direitos de cidadania. Daí surge o paradoxo: o fiel do MLC na Favela da Via tem acesso a bens que a dimensão social da cidadania lhe garante, mas ao preço de não *significar* esse ato enquanto tal.

Para finalizar este artigo, chamo a atenção ao risco clientelístico ligado ao intermédio que a igreja desempenha. A cessão dos bens e dos serviços, que a igreja faz acontecer, é, antes de tudo, uma forma de ação proselitista, uma forma de “salvar vidas”. (Algumas das normas de distribuição dos alimentos – como a de que para ganhar a sacola de alimentos, o morador da favela tem de assistir ao culto – evidenciam este ponto claramente.) Contudo, o controle da oferta desses recursos – alimentos, serviços – potencialmente pode ser usado para canalizar apoio político a determinados atores do poder local mossoroense.

O campo não me forneceu respostas para isso. Não sei se o MLC faz uso político (ou político partidário) dos recursos que controla. De qualquer forma, fica a sugestão de uma linha de pesquisa que parece bastante fértil: qual o papel (se existente) da ação social religiosa pentecostal no âmbito das articulações do poder local em Mossoró?

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Ser Católico: dimensões brasileiras – um estudo sobre a atribuição de identidade através da religião. In: SACHS, Viola (org.). **Brasil & EUA: religião e identidade nacional**. São Paulo: Graal, 1988. p. 27-58.

CAMPOS, Leonildo. 2008. Os mapas, atores e números da diversidade religiosa cristã brasileira: católicos e evangélicos entre 1940 e 2007. **Rever**, 4:9-47. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_campos.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2009.

DATAFOLHA, 06/05/2007. **As religiões dos brasileiros**, Folha de S.Paulo, Caderno Especial.

FIGUEIRA, Mara. O Brasil para Cristo. **Sociologia Ciência & Vida**. n. 7, 2007, São Paulo, Escala, pp. 50-9.

JACOB, Cesar Homero et al. **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar**. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo, SP: ANPOCS, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor (org.); TORRES, Lílian De Lucca (org.). **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1996.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. **Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a10v1852.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2009.

MENDONÇA, A. G.; VELASQUES FILHO, P. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990.

MAFRA, Clara. Segregação e conversão pentecostal. **Insight Inteligência**, Rio de Janeiro, 06/2009, ano XII, n. 45, pp. 30-47. Disponível em: <<http://www.insightnet.com.br/inteligencia/45/PDFs/02.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2009.

MARIZ, Cecília. 1999. **A teologia da batalha espiritual: uma revisão da literatura**. BIB 47 (1º sem): 33-48.

TAUBE, Maria José de Mattos. **De migrantes a favelados: estudo de um processo migratório**. V. 2. Campinas: Editora da UNICAMP, 1986. (Série Teses)

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.